Um inverno no Mediterrâneo

Un hiver à la Méditerranée

Lúcia Cherem[1]
Universidade Federal do Paraná

Carmem Druciak[2]
Mestre em Estudos Literários

Resumo

O presente estudo pretende apresentar a escritora francesa, George Sand, no início de uma conjuntura de produção literária que acabou se tornando recorrente em sua obra, a escrita de fortes traços autobiográficos. E é a viagem ao Mediterrâneo o pano de fundo para tal amadurecimento da autora: mulher, irmã, amiga, amante, poeta, mãe e avó – o "entre-mundos e entre-terras" da vida de George Sand, não como um entre-lugar que não é lugar algum, mas um lugar novo, o lugar de uma alma sensível e forte ao mesmo tempo e que conquistou uma posição se afirmando em um mundo predominantemente masculino não sendo diferente apenas por ser mulher, mas, sobretudo por ser capaz, apesar das restrições de sua época.

Palavras-chave: George Sand, escrita autobiográfica, literatura de viagem.

Résumé

L'étude présentée fait connaître l'écrivaine française, George Sand, au début des circonstances de sa production littéraire qui l'ont amenée à ce qui est devenu une tendance: l'écriture à traits autobiographiques. Et c'est le voyage à la Méditerranée le décor de l'épanouissement de l'auteure: femme, soeur, amie, amante, poète, mère et grand-mère – "l'entre-mondes et l'entre-terres" de la vie de George Sand, non comme un entre-lieux qui n'est rien, mais un lieu nouveau, le lieu d'une âme à la fois forte et sensible et qui a conquis une position en se consolidant dans un monde à la prééminence masculine où la différence ne consistait pas qu'à être femme, mais avant tout être capable, malgré les restrictions de l'époque.

Mots-clés: George Sand, écriture autobiographique, littérature de voyage

● **Enviado em: 06/05/2013**
● **Aprovado em: 04/07/2013**

[1] Professora de língua e literatura francesas no curso de Letras da UFPR, tradutora e autora de obras de análise literária e sobre leitura.

[2] Mestre em Estudos Literários pela UFPR, é tradutora e professora de língua e literatura francesas.

Se geograficamente, as águas do mar Mediterrâneo separam os continentes europeu, africano e asiático, historicamente acabam por reuni-los e concentram em si mesmas todas as ricas influências desses povos e fazem desse "entre-terras", segundo a origem da sua adjetivação, um lugar não pouco atraente para aqueles que no grande azul procuram algo diferente, aventureiro, inspirador, reconfortante e pode-se dizer que para George Sand todos esses aspectos foram atraentes o bastante para que no inverno de novembro 1838 ela e sua família se dirigissem ao Mediterrâneo, à ilha de Maiorca, mais precisamente.

Amantine-Aurore-Lucile Dupin, futura George Sand, nasceu em Paris em julho de 1804 de pais de origens sociais diferentes e embora criada pela avó paterna aristocrata, a escritora nunca renegou seu lado "plebeu", se é que é possível assim designarmos a família de Sophie Delaborde, mãe de George Sand, cujo pai vendia pássaros e nenhum vínculo tinha com as linhagens reais da França.

> "Ora, se meu pai era tataraneto de Augusto II, rei da Polônia, e se, por esse lado, eu me encontro de uma maneira ilegítima, mas muito real, parente próxima de Carlos X e de Luís XVIII, não é menos verdade que pertenço ao povo pelo sangue, de uma maneira tão íntima e direta, ainda mais porque não há bastardia desse lado."[3] (*Histoire de ma vie*) [4]

Esses dois aspectos da identidade da autora nos dão certos indícios de como foram a infância e a juventude de Aurore: as convenções impostas pela avó, a educação em convento, as expectativas de um bom casamento, enfim, todas as tradições a que eram submetidas as jovens de boa e fina origem do início do século XIX, tradições aliás a que George Sand não se sujeitou, e embora não tenha deixado de se nutrir de todo o conhecimento que essas experiências lhe davam, soube ser filha, neta, mãe, esposa, amante, mulher de letras, amiga. Assim, chegou a transitar bem entre a identidade de *demoiselle* herdeira e filha do povo, para quem sempre desejou os firmes ideais socialistas da Revolução. É claro, quanto às expectativas do lado nobre da família, devemos considerar que o papel de esposa, ao qual a avó queria tanto que a jovem se dedicasse, pois seria uma forma segura de proteção para a neta após a sua morte já iminente, não esteve entre aqueles que a autora apreciava mais.

> "Vão querer me casar? perguntava a mim mesma. Será um negócio arranjado? Fizeram-me sair do convento para isso? Quem é então esse marido, esse mestre, o inimigo de meus desejos e esperança? Onde está escondido? Quando é que vão apresentá-lo a mim e me dizer: 'Minha filha, é preciso dizer sim', ou me dar um golpe mortal."[5]

---

3 As citações em francês foram traduzidas para o português para esta publicação por Carmem Druciak.
4 Sand, George. *Histoire de ma vie*. Paris, 1e. ed. Le Livre de Poche, 2004, p. 71
5 Idem, ibidem., p. 429.

Apesar do desespero e das incertezas que a ideia de um casamento lhe causavam, Aurore se casou em 1822 com o jovem barão Casimir Dudevant que foi pai de Maurice e Solange, ainda que esta tenha nascido após uma das várias separações e infidelidades do casal que, finalmente em 1830, chegou a um acordo de divórcio, não sem severas disputas jurídico-financeiras, sendo que a separação só foi homologada pelo juiz em 1836.

E foram os anos de 1830 que viram nascer a autora, mulher de letras, George Sand, incansável escritora até o ano de sua morte, em junho de 1876, no domínio de Nohant, propriedade herdada da avó paterna e lugar tão caro para Sand. Em 32, publicou *Indiana*, seu primeiro romance de sucesso, e a partir de então a produção literária de Sand só cresceu, contribuindo com artigos, novelas e relatos de viagem, esteve com grande frequência nas páginas de jornais e revistas em que suas obras eram publicadas em capítulos. Depois vieram *Lélia, André, Lettres d'un Voyageur, Le Compagnon du Tour de France, La petite fadette, La mare au diable, Nanon* e tantas outras obras que versam sobre a condição da mulher na sociedade e seus desejos de se libertar das convenções e ter livre acesso à cultura e aos debates filosóficos e políticos; seus relatos de viagens, embora ela mesma tenha dito que suas impressões pessoais é que são escritas e não as verdades concretas das paisagens (Lettre X)[6]; a literatura engajada e que defende o povo e a classe campestre que dominam os "*métiers de l'art*", artesãos e artistas do país; e os ideais da Revolução, antes dos excessos de 1793. É claro, essas poucas linhas não dão a ideia do que é a obra de Sand, aclamada por Balzac, Flaubert, Hugo, Dostoievski e rechaçada por Baudelaire e não menos interessante por isso, ao contrário. O que dizer do fato de ela mesma ter escrito sua biografia, obra iniciada em 1847, *Histoire de ma vie*, por estar descontente do que diziam dela? Fato inédito, como afirma a professora da Universidade de Caen, especialista na literatura do século XIX, Brigitte Diaz, na apresentação da edição de 2004 de *Histoire de ma vie*:

> "Na história do gênero autobiográfico, é preciso lembrar, George Sand é a primeira mulher que empreendeu a redação, a publicação e a larga difusão da narrativa de sua existência, a partir de seu nascimento – e bem antes mesmo, com a história de seus pais – até o momento da conclusão de suas Memórias, em 1854."

Seria importante lembrar que esse texto autobiográfico parece ainda ter uma função importante para ela enquanto mulher de ideias e não como um conjunto de justificativas para a sua vida movimentada. Ela diz, logo no início, que escreverá por solidariedade, para que

6 Sand, George. *Lettres d'un voyageur*. Paris, Flammarion, 2004, p. 271.

outros ou outras conheçam suas experiências e possam de, certa forma, encurtar caminho ou se entender melhor. Os dois primeiros capítulos de *Histoire de ma vie* revelam essa preocupação da escritora, em que ela diz: *A fonte mais viva e a mais religiosa do progresso do espírito humano, é para falar a língua do meu tempo, a noção de solidariedade."* Outra ideia que nos parece preciosa é quando fala em *vida interior* como um valor a ser partilhado socialmente: *Há ainda um gênero de trabalho pessoal que foi raramente realizado, e que, a meu ver, tem uma utilidade tão grande quanto outros: é aquele que consiste em contar a vida interior, a vida da alma, ou seja, a história do seu próprio espírito e do seu próprio coração visando um ensinamento fraterno."*

O que sem dúvida podemos dizer é que George Sand conquistou um lugar entre os intelectuais da sua época, foi influente, participou de debates e dos círculos que discutiam a sociedade e a política, ainda que para isso tenha usado roupas masculinas, mais práticas e baratas, e um pseudônimo que afinal lhe permitiu adentrar num mundo onde o predomínio dos homens reinava. Mas Sand soube conservar suas amizades e foram justamente os homens, tão autossuficientes, que recorreram a ela, a mulher tão criticada, acusada de libertina e escandalosa. E somente para ilustrar como Sand foi uma amiga solidária e até mesmo maternal, as suas correspondências com homens de letras e de artes, Flaubert, Alexandre Dumas Filho, Delacroix, nos mostram a importância dessa mulher, a única que participou dos jantares Magny[7]:

> "Entre os artistas e os letrados não encontrei sentido algum [...]. Não sei se você estava no Magny um dia em que eu lhes disse que eram todos *senhores*. Diziam que não era preciso escrever para os ignorantes, eles me aviltavam porque eu queria apenas escrever para aqueles, visto que eram os únicos a precisar de alguma coisa. Os mestres estão fartos, ricos e satisfeitos. Os imbecis precisam de tudo, tenho compaixão deles. Amar e compadecer-se não se separam. Eis aqui o mecanismo pouco complicado do meu pensamento." (Carta a Flaubert, 25 de outubro de 1871)[8]

Ainda que, o que diz a mulher-escritora, como era chamada pelos colegas do Magny, soe como presunção e soberba, é preciso considerar a que ela se opunha senão à produção artística elitizada de um círculo de escolhidos cujo trabalho girava em torno de um público específico, eles próprios. E é interessante aproximar os "senhores" das palavras de Sand

---

7 Os jantares no restaurante Magny começaram em 1862, propostos pelo proprietário ao cliente e amigo Charles Sainte-Beuve, e reuniam personalidades como Flaubert, Gautier, Taine, Renan, o químico Berthelot, os irmãos Goncourt onde literatura, política, religião, paixões e experiências sexuais eram os assuntos mais frequentes. V. http://www.unc.edu/depts/europe/pedagogy/bestpractices/French/sand/IIIa_lavielitteraire.pdf. Acesso em 18/02/2013.

8 Sand, George. *Lettres d'une vie*. Paris, Folio Classique, 2004, pp. 1159 e 1160.

daquilo que o poema "*Il ne faut pas*..." de Jacques Prévert indica, "Répétons-le Messssssieurs/ Quand on le laisse seul/ Le monde mental/ Ment/ Monumentalement."[9] Embora não seja prudente designar George Sand como uma ativista arraigada em prol da classe popular, ela soube exaltar a sua importância; dali ela também queria ver surgir seus leitores. Como socialista que era, acreditava e esperava que a cultura e as riquezas fossem compartilhadas com o povo.

E avançando na nossa ilustração, aos amigos, afilhados das artes, ela escreveu "Sei bem que após ter feito a *Dama das camélias* interessante, você deveria fazer o reverso da medalha. A arte requer esses estudos imparciais e esses contrastes que estão na vida. Também não é uma crítica que faço. Eu o tenho sempre como o primeiro dos autores dramáticos do gênero novo..." (Carta a Alexandre Dumas Filho, 26 de outubro de 1855) ou ainda a Delacroix, "Você tem todo o brilho, todo o poder de sua obra. Você ganhou uma batalha memorável neste século de burguesia resistente e de ceticismo vaidoso. O seu *império está feito* e aqueles que jamais duvidaram estão mais orgulhosos da sua glória que você mesmo." (Janeiro de 1853)[10]. E talvez tenha sido Flaubert seu mais próximo e caro companheiro das letras a manter a correspondência mais frutuosa, a quem Sand aconselhou, encorajou e exortou da forma mais direta, sem deixar de lado a ternura de amiga, quase maternal, como podemos notar na sua resposta à carta do escritor de dezembro de 1866, em que o autor confessava não saber como colocar sobre o papel algo do coração, dizendo que um romancista não teria o direito de "expressar sua opinião sobre o que quer que seja":

> "Não colocar nada de seu coração naquilo que se escreve? Não compreendo de jeito nenhum, ah, mas de jeito nenhum. A mim me parece que ali não se pode colocar outra coisa. Podemos separar o espírito do coração, seriam coisas diferentes? A emoção pode ela mesma se limitar, o ser pode se cindir? Enfim, não se entregar por inteiro em sua obra me parece tão impossível quanto chorar com outra coisa a não ser com os olhos e pensar com outra coisa a não ser com o cérebro. O que é que você quis dizer?" (Paris, dezembro de 1866)[11]

Marcantes, sem dúvida, foram a intensidade e a paixão com que a escritora George Sand trabalhou e viveu, pois lemos sempre um pouco dela mesma em cada página. Sendo fiel ao que disse a Flaubert, cada uma de suas heroínas mostram um pouco de seu pensamento tão vasto e variado. Difícil encontrar um assunto que ela não tenha ao menos mencionado em suas obras ou correspondências. As mais de dezoito mil cartas que escreveu durante toda a sua vida foram evidentemente não só registro de seus relacionamentos pessoais ou

9 In. Prévert, J. *Paroles*. Paris, Gallimard, 1949, p. 219.
10 Sand, op. cit., pp. 855 e 786.
11 Idem, ibidem, p. 1091.

profissionais, mas, entre tantos outros temas, também de suas viagens, aliás, outro grande interesse de Sand que afirmava ser "a viagem um breviário da vida do homem [...] e a arte de viajar quase que a ciência da vida"[12]. Desde sua infância alternou longas estadias entre Paris e Nohant, suas residências mais frequentes e as cidades de Bordeaux, Melun, Fontainebleau; outras regiões da França, como os Pireneus e a Côte-d'Azur; Itália e Espanha, citando apenas alguns dos percursos empreendidos até o ano de 1849.

E por serem tão atraentes, as viagens da vida da autora a levaram, como já dito acima, ao Mediterrâneo e a uma aventura da qual a jovem mulher voltou mais experiente e madura, para o amor, para a família e para o trabalho que não a deixava nunca, pois ela carregava seus papéis e tinteiros para onde quer que fosse. No século XIX, a propósito, as viagens que as famílias empreendiam eram verdadeiras mudanças em que mobília, objetos de valor e utensílios do dia a dia eram transportados a duras penas e altos preços em percursos realizados em carruagens, carroças, barcos ou com a ajuda de cavalos e mulas. E como! Sand teve um pouco de tudo isso naquele inverno entre novembro de 1838 e fevereiro de 1839 em que foi a Maiorca seguindo o conselho de pessoas que diziam conhecer a ilha e a indicavam como refúgio contra o severo frio do norte e lugar de repouso para aqueles que porventura se encontravam adoentados.

Maiorca, situada a leste da Espanha, faz parte do arquipélago das ilhas Baleares, sendo a maior delas. Ainda hoje, a ilha é um destino de clima quente muito procurado pelos europeus, o que confirma o propósito primeiro da autora ao se dirigir para lá. Acompanhada dos filhos, Maurice, então com quinze anos e que sofria de reumatismo e Solange de oito, partiu de Paris, passando por Plessis-Picard, Chalon, Lyon, Avignon, Nîmes, Perpignan onde Frédéric Chopin, que foi companheiro de Sand por nove anos, num relacionamento apaixonado, embora conturbado, os encontrou para embarcarem juntos para Barcelona e dali para a ilha. Não fazia parte dos planos de viagem de Sand que Chopin os acompanhasse, mas foi ele quem externou o desejo de se dirigir a um local mais quente, a fim de se sentir melhor, já que alguns de seus amigos suspeitavam que estivesse tísico. Como então Sand poderia "recusar o desejo que ele mesmo manifestava tão diretamente e de um modo tão inesperado."?[13]

Se a viagem a Veneza e o romance com Alfred de Musset entre 1833 e 35 renderam a George Sand as obras *Lettres d'un voyageur* (1837) e *Elle et Lui* (1859), não nos é possível estabelecer a mesma relação entre o romance com Chopin e *Un hiver à Majorque* (1842), já

12 Idem. op. cit. p. 278.
13 Idem. op. cit., p 788.

que esta narrativa se faz muito mais vinculada ao destino de viagem que ao relacionamento amoroso da autora. Evidentemente, seria reduzir as duas primeiras obras citadas acima se disséssemos que elas são apenas fruto da paixão vivida por Sand naqueles anos, embora o romance em terceira pessoa *Elle et Lui* tenha se prestado à polêmica meneada por Paul de Musset para a defesa do irmão que ora teria sido descrito por Sand com uma personalidade difícil enquanto ela guardaria a pureza da mulher que apenas se deixara levar pelo carrasco amante. Já *Lettres d'un voyageur* pode ser caracterizado como um relato de viagem sob a forma epistolar em primeira pessoa em que as impressões de Sand são colocadas ali filosoficamente, metaforicamente, sem mencionar de modo direto *l'affaire* com Musset. Ainda que as três obras sejam de cunho autobiográfico e que *Un hiver à Majorque* tenha sim um narrador, um *je* masculino, Sand não revela muito da presença de Chopin nessa obra, e talvez essa discrição revele muito mais sobre o respeito e o sentimento dela para com o grande compositor; seu nome nem mesmo é citado na narrativa, seu piano sim, sua música e, sobretudo sua doença, que, durante toda a viagem, foi objeto de repulsa pela parte dos moradores e trabalhadores locais, "notre malade", assim o narrador se referia ao músico, de quem cuidava como a uma das crianças.

E essa viagem ao Mediterrâneo nos faz perceber como a existência de uma zona de "fratura da crosta terrestre, mas também fratura entre as tradições e mentalidades"[14] se confirma nas palavras de Sand ao se deparar com a ausência de conhecimentos e valores continentais nos maiorquinos e seu distanciamento político, social e cultural dos fatos daquela época. A defasagem da qual eram reféns chocou a autora, pois além de não a (re)conhecerem, julgavam-na pelo comportamento diferente, até mesmo excêntrico com que vivia, sem ir às missas nem aos bailes, o modo como educava os filhos[15] e trabalhava, isolando-se da comunidade; também percebiam seu desgosto com o terrível odor rançoso do óleo de oliva produzido na ilha e que impregnava todo o ar, a necessidade de preparar ela mesma as refeições para a família, a coleção de pedras e plantas locais, tudo se tornava objeto de falatórios malévolos. Naturalmente não se pode culpar os habitantes por não estar bem informados do que se passava no continente e muito menos ainda por não atribuir a Sand a notoriedade com que pouco a pouco ela se habituava nos salões franceses. A viagem à Maiorca porventura nos mostra certa fragilidade dos preceitos socialistas que a autora defendia e que

[14] Lacarrière, J. "A propos de la Méditerranée" In *Méditerranées* – Une anthologie proposée par Michel Le Bris et Jean-Claude Izzo, Paris, Librio, 1998, p. 33

[15] Sand diz que chegou a ser criticada pelos locais por vestir Solange com calças compridas para que brincasse livremente pela montanha e pelo jardim do Convento de Valldemosa, "une jeune personne, déguisée en homme", in *Un hiver à Mojorque.* p. 168.

com frequência aparecem em seus romances, mas a nós talvez não caiba reprovar em Sand a falta de uma identidade europeia, mais larga que as sensíveis fronteiras francesas em meados do séc. XIX.

Entretanto, Béatrice Didier, que assina o prefácio, o comentário e as notas da edição de 1984 de *Un hiver à Majorque*, assegura que a obra nos mostra claramente

> "uma tripla experiência, fundamental a toda existência e talvez mais sensível na época romântica do que em qualquer outra: uma experiência com os homens em seu desenvolvimento histórico; uma experiência com a natureza, e uma experiência consigo mesmo." [16]

E que experiência teve George Sand com os maiorquinos! "Que importa aos maiorquinos as notícias da política ou das belas-artes? o porco é o grande, o único negócio da vida deles. [...] O natural da região é o do tipo da desconfiança, da inospitalidade, da má fé e do egoísmo. E ainda, são mentirosos, ladrões, devotos como na idade média."[17]. Por outro lado, fazendo justiça ao relato de viagem a que se prestava, Sand reuniu e analisou documentos, e com interesse na história, nos monumentos da região e na língua local, recorreu às obras de J.-B. Laurens, *Souvenirs d'un voyage d'art à l'île de Majorque*, de 1840, José de Vargas y Ponce, *Descripciones de las Islas Pitiusas y Baleare*s, de 1787 e aos manuscritos de Joseph Tastu, citados longamente no corpo da obra, mencionando apenas algumas de suas referências. Sand encontrou ali em Maiorca até mesmo as origens espanholas da família Bonaparte, de quem era admiradora. A própria afirmação da autora, ao dizer que o que há de interessante a ser observado num país estrangeiro são os homens, permite, portanto que digamos que houve um grande interesse no todo da ilha, e nos aspectos positivos do povo também, como o folclore local, a música, o canto, a brancura das camisas dos homens, enfim, detalhes que não escaparam ao olhar curioso e até mesmo compassivo de Sand: "Na história, vemos que ali onde ele [o espanhol] pôde ser grande, mostrou que a grandeza estava nele; mas é homem, e, na vida privada, ali onde o homem deve sucumbir, ele sucumbiu."[18]. E quando Sand e a família puderam se alojar, em meados de dezembro, no antigo Convento de Valldemosa, período mais feliz da estadia na ilha, a vida de claustro dos religiosos se tornou igualmente fonte de inspiração para a autora que, além de inferências sobre a vida restrita e contemplativa dos monges, incluiu na obra um diálogo fictício entre um jovem artista e um velho monge nas ruínas das prisões da Inquisição e ali Sand contestou a fé do artista que não vê mais razão e

16 Sand, G. *Un hiver à Majorque*. Paris, Le Livre de Poche, 1984, p. 8.
17 Idem, op. cit., pp. 319 e 323.
18 Idem, op. cit., p. 43.

nem beleza nos monumentos e nas ruínas a não ser em suas formas e que não atenta para questões de ordem política ou social.

Envolvendo sua narrativa pessoal com um ensaio de compêndio de geografia humana, quase que didático, Sand documenta estupefata a natureza local, o que apenas corrobora com o que a autora trazia como verdade, "ali onde a natureza é bela e generosa, os homens são maus e avarentos"[19]. O que faltava de poesia nos habitantes locais, excedia na paisagem. E Maiorca tinha tanto a oferecer aos pintores, como dizia Sand, de falésias a bosques e rochedos, de montanhas a planaltos afligidos pelo vento, enfim natureza exuberante documentada por vários deles, e infelizmente ignorada por tantos outros naquela época. E o mar, se "sujo e desagradável" nas costas francesas, na ilha espanhola, nas palavras de Sand:

> "Em Maiorca eu o vi enfim como tinha imaginado: límpido e azul como o céu, suavemente ondulado como uma planície de safira cuidadosamente trabalhada em sulcos cuja mobilidade é imperceptível vista de certa altura, e cercado por florestas de um verde escuro. Cada passo que dávamos sobre a montanha sinuosa nos apresentava uma nova perspectiva sempre mais sublime que a anterior."[20]

Ainda que Sand pareça fazer aquilo que o romancista turco Orham Pamuk critica, uma escritora "vinda do norte nos [aos mediterrâneos] ensinando que temos uma 'sensibilidade' diferente", propondo uma heroína "em busca de sol e de tranquilidade" com uma "literatura de viagem insípida que nos inunda de conceitos de homens e lugares equivocados. As descrições gerais de características nacionais ou culturais estão frequentemente erradas"[21], *Un hiver à Majorque* não é apenas isso, ao contrário, Sand conseguiu atrair para a ilha a atenção de que a região necessitava e, mesmo que com certa agressividade, traçou um perfil próprio dos habitantes e da natureza local, não incorrendo no engano, talvez, de que uma única e consistente identidade mediterrânea existisse. Ela soube registrar, de modo até um tanto jornalístico, o caráter humano, passível, portanto, de erros e carências comuns a qualquer pessoa, e claro que o toque romanesco da obra completou o quadro com as descrições das subjetivas agruras da estadia entre os maiorquinos.

As horas de trabalho noturno, a que Sand se entregava cotidianamente em Valldemosa, lhe permitiram não só a tranquilidade para produzir sua obra, mas também lhe proporcionaram uma viagem em si mesma, como a terceira experiência a que nos referimos antes. Em meio aos afazeres domésticos, às refeições, à educação das crianças e aos cuidados

---

19 Idem. op. cit., p. 327.
20 Idem. op. cit., p. 188.
21 Pamuk, O. "La mer Blanche est d'azur" In *Méditerranées* – Une anthologie proposée par Michel Le Bris et Jean-Claude Izzo, Paris, Librio, 1998, pp. 45 e 46.

com o "outro" então doente, Sand teve tempo para ela mesma, e tudo teria sido muito bonito e proveitoso, não fosse a doença do compositor, que começava a piorar com gravidade[22]. Aliás, esse foi o motivo para que Sand e a família deixassem Maiorca e voltassem à França, apesar da música de Chopin ter preenchido os corredores do antigo convento e ter sido ali que ele tenha composto algumas de suas obras-primas, o clima mediterrâneo e os anfitriões não favoreceram a permanência da "pobre colônia emigrante que disputa sua existência com uma raça hostil ou estúpida"[23]. Antes, contudo, as inspirações que surgiram dos muros do Convento de Valldemosa e das montanhas de toda a ilha apareceram mais tarde na publicação das páginas de *Spiridion*, de *Consuelo* e na segunda versão de *Lélia*.

E deixando a ilha, Sand deixou também todos os móveis adquiridos ali, o piano de Chopin, cujo dispendioso transporte chegou a ser mencionado na obra, e alguns de seus objetos pessoais que hoje fazem parte do acervo do Museo Chopin de la Cartuja de Valldemosa[24], que há oitenta anos conserva a cela que o casal teve por moradia naquele inverno.

É interessante finalmente observarmos as últimas palavras de *Un hiver à Majorque*:

> "E a moral desta narração, pueril talvez, mas sincera, é que o homem não é feito para viver com as árvores, com as pedras [...], mas com os homens seus semelhantes. [...] Eu sempre havia sonhado em viver no deserto, [...]. Mas nós temos o coração amante demais para não estarmos juntos, e o que nos resta de melhor a fazer, é nos suportar mutuamente; pois somos como que filhos de um mesmo seio que se provocam, brigam e se agridem até, mas que não podem se separar."[25]

Assim como a mais marcante experiência de Sand em Maiorca foi com o gênero humano, com os outros e consigo mesma, sua experiência como escritora, mulher de letras, também o foi. Seus vários heróis e heroínas nos mostram com clareza a fascinação da autora pela alma humana, suas dúvidas e anseios, e então novamente vemos o sentimento solidário de Sand. Logo, a estadia da autora nesse "entre-lugar", nesse meio de caminho, acabou por dar ao leitor uma bela oportunidade de não só conhecer mais uma região, como também de viajar pelo pensamento do outro, podendo nele enxergar a si mesmo, pois "texto, autor, leitor e mundo espelham-se uns aos outros no ato da leitura".[26]

---

22 Idem. op. cit., p. 328.
23 op. cit., p. 322
24 V. http://www.celdadechopin.es/
25 Sand, G. *Un hiver à Majorque*. Paris, Le Livre de Poche, 1984. p. 205.
26 Manguel, A. *Uma história da leitura*. 2ª edição. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p. 196.